

Modelo básico para elaboração de um projeto de pesquisa¹

“A ciência é um trabalho de artesanato intelectual”. W. Mills.

“Que o rigor científico seja acompanhado por um sentimento estético”. José A. Marina.

1. Um projeto de pesquisa, em síntese, deve conter:

- (1) Introdução – mais ou menos 1 ou 2 páginas
- (2) Objeto – mais ou menos 2 ou 3 páginas
- (3) Metodologia – mais ou menos 1 página
- (4) Bibliografia – pode ser dividida entre a já lida para fazer o projeto e a que será trabalhada durante a pesquisa, como fonte sobre o objeto investigado

Observem que isso se refere ao aspecto formal do projeto *escrito*.

Em outras palavras, um projeto deve apresentar:

- *uma explicação do problema teórico a ser estudado;*
- *uma referência bibliográfica diretamente relacionada ao tema;*
- *esclarecimento sobre a abordagem teórico-metodológica adotada (ou o paradigma);*
- *uma descrição do material empírico a ser utilizado;*
- *a forma pela qual os dados serão obtidos (técnicas de pesquisa utilizadas);*
- *o tratamento que estes dados receberão (técnicas de pesquisa utilizadas);*
- *uma certa previsão em relação aos tipos de resultados que se espera encontrar (hipótese).*

2. As etapas de elaboração de um projeto de pesquisa.

1) Introdução (ou descrição geral do tema)

Objeto Geral (o que será pesquisado, qual o seu problema)

¹ Apostila compilada pelos professores Flávio Marcos Silva Sarandy e Alberto Tosi Rodrigues, com transcrições sem referências. Texto de circulação interna para fins exclusivamente didáticos. **Fonte:** *Como se faz uma tese*, de Umberto Eco, *Métodos e Técnicas de pesquisa social*, de Antônio Carlos Gil, e texto de circulação interna ao IUPERJ contendo orientações sobre como fazer um projeto de mestrado, elaborado por Simon Schwartzman e disponível em <http://www.schwartzman.org.br>.

Objeto Específico (Essa distinção entre “objeto/ objetivo geral” e “objeto/ objetivo específico” nem sempre aparece, depende das regras da instituição para a qual você vai encaminhar o projeto).

Justificativa (Uma introdução muito sucinta sobre o assunto, onde você faz uma brevíssima discussão da literatura básica de referência, isto é, do seu referencial teórico básico e expõe a relevância teórica e social – se houver – de sua pesquisa).

Relevância ou alcance social (Alguns programas podem exigir uma especificação nesse item)

→ Descreva o objeto de sua pesquisa (seu objetivo, sua questão teórica) e justifique. Nesse item (“Descrição Geral do Tema”), uma espécie de “Introdução” do projeto, você diz **qual é a sua idéia**, o que você quer saber, o que você vai fazer. No que se refere à elaboração do texto do projeto, é perfumaria! Deve ficar por último, ainda que na apresentação escrita do projeto venha em primeiro lugar. Por que? Porque você não consegue escrever uma “Introdução” sem antes estabelecer exatamente o que você quer saber etc. Ou seja, a parte introdutória de um projeto de pesquisa, na prática, fica para ser escrita após a conclusão.

2) Objeto

É o cerne do problema! Aqui você irá responder à pergunta **“o que eu quero saber sobre o tema?”**. Na verdade, escrever um projeto de pesquisa é organizar as idéias em nossa mente e, antes de tudo, respondermos a nós mesmos o que, de fato, vamos fazer e porquê.

----- **Como chegar a definir o problema? Algumas "dicas" importantes para a definição do problema são as seguintes:**

- a) Idealmente, um projeto de pesquisa deve ter um problema teórico ou conceitual claro, que possa ser testado ou verificado através de um conjunto definido de dados. É possível que seja um problema estritamente conceitual, em cujo caso os “dados” são, essencialmente, materiais bibliográficos e estudos pré-existentes. Em outros casos, o problema será mais empírico, referido a um grupo social, a um período histórico ou a um outro aspecto qualquer da realidade, e os dados serão selecionados de acordo com isso. Os dados, portanto, nem sempre e nem necessariamente serão “medições”, “observações empíricas” ou “entrevistas”, mas podem ser, por exemplo, estatísticas censitárias, materiais iconográficos ou documentais (diários, correspondências, jurisprudências, documentos diversos e, até mesmo, matérias jornalísticas). Entretanto, antes de se preocupar com os dados, preocupe-se em estabelecer claramente qual é o seu problema, isto é, o que você quer saber sobre algo. Daí que um objeto de pesquisa científica, em verdade, sempre será uma preocupação teórica: a necessidade de se construir um conhecimento sobre algo que ainda não se tem.
- b) Uma vez identificado um problema válido, é importante fazer um levantamento, ainda que ligeiro, a respeito de sua ocorrência prévia na literatura. Este levantamento pode inclusive ajudar a colocar a questão em um foco melhor e descartar hipóteses e caminhos falsos – já

abandonados por pesquisas prévias. É importante que, neste trabalho, o estudante faça uma pesquisa em fontes tais como o *Current Contents*, *Sociological Abstracts*, *International Political Science Abstracts*, *SCIELO* e outras fontes, incluindo o Índice de Ciências Sociais editado pelo IUPERJ e as bibliotecas virtuais, como a da CAPES. Esta pesquisa deverá revelar os principais autores que já trataram do assunto e o **estado da arte** a respeito do tema. Aqui, a orientação do professor-orientador é essencial. O pessoal da biblioteca onde se estuda também pode dar uma ajuda excelente na utilização destas fontes e na obtenção de artigos em revistas no exterior. Caso a pesquisa não seja na área de ciência social, deve-se ter em mente que de alguma forma é necessário buscar a literatura considerada clássica sobre o assunto, bem como o que houver de mais atual (pode-se entrevistar – ou simplesmente conversar – com um especialista sobre o assunto ou, em última hipótese, seguir o caminho mais árduo, que é “garimpar” a literatura sobre o assunto em diversas bibliotecas e “ir seguindo as pistas” que as referências bibliográficas dos livros encontrados forem indicando – apesar de que a internet hoje é um recurso minimizador desse “sofrimento”). Isso se faz, na prática, em duas fases não necessariamente separadas:

- Leitura exploratória ou levantamento bibliográfico.
- Revisão da literatura. (leitura mais sistemática e resenha)

c) Como identificar um problema válido? É importante evitar a definição de problemas *tautológicos*, *indemonstráveis* ou *irrefutáveis*.

- Tautológico seria, por exemplo, fazer um estudo para mostrar que os pobres não têm poder, ou que o Brasil é um país dependente. Tautológica é toda expressão em que o atributo repete o sujeito (“o sal é salgado”) ou que é redundante, de modo a pretender explicar algo se repetindo as definições já ditas, num pensamento circular que nada acrescenta, pois usa termos distintos, porém de mesmo conteúdo ou sentido, para justificar uma afirmação que se pretende que seja verdadeira. Erro lógico e recurso retórico, portanto. Uma pesquisa que vise dizer o que já foi dito ou que vise demonstrar algo evidente em si não merece nossa dedicação. Não seria tautológico, no entanto, tratar de mostrar a existência de estruturas variantes de poder no interior de populações pobres, ou analisar a variação de dependência econômica do país nos últimos vinte anos.
- Irrefutável seria, por exemplo, um projeto sobre a semelhança (ou diferença) entre homens e mulheres, sem maiores explicações sobre a variação do conceito de igualdade (ou semelhança). Não se faz pesquisa – de natureza científica – para discorrer sobre proposições irrefutáveis. Só é científica uma proposição refutável!
- Indemonstráveis são aquelas questões que, por definição, escapam à verificação empírica – por exemplo, as teorias conspiracionais sobre a realidade social, que são aparentemente tanto mais “comprovadas” quanto menos dados existem (porque os bons conspiradores jamais deixam pistas!). Ou sobre objetos que escapam à verificação empírica. Observe que não se trata de afirmar que somente o conhecimento científico, por se apoiar em

verificação empírica, é verdadeiro ou válido, mas uma pesquisa não pode receber o *status* de científica se não faz “conexão” com o universo empírico.

Em última análise, questões tautológicas, indemonstráveis ou irrefutáveis são freqüentemente questões sobre a essência das coisas (sobre o que elas “são”), e não sobre sua variação, ou não possuem nenhuma demarcação clara sobre seu critério de validade, ou nenhuma idéia sobre eventuais formas de verificação empírica a seu respeito.

d) É importante analisar como as coisas *variam*, e não como as coisas são. Pretender alcançar a “essência” ou a “natureza” dos fenômenos ou eventos estudados é atividade dos filósofos ou dos místicos, porém não de cientistas, que devem preservar uma atitude um pouco mais cética, mais distanciada, mais pessimista quanto às próprias “descobertas” e um pouco mais discreta, já que devem preferir as observações da vida concreta às abstrações e elucubrações que a tudo pretendem explicar numa só perspectiva. Por exemplo, em um estudo sobre marginalidade social, é importante saber se determinada condição econômica produz mais marginalidade do que outra, ou se certo tipo de marginalidade produz mais ou menos conseqüências (e quais) do que outra. Mas não faz muito sentido estudar “o que é” a marginalidade (ou, da mesma forma, o que “é” a dependência, o que “são” as classes sociais etc.). As definições conceituais normalmente se desenvolvem pela acumulação de conhecimento empírico sobre determinado assunto. De outro modo, estaremos no campo da metafísica tentando definir a “essência” de algo que é histórico, não transcendental – e que, portanto, varia pela própria dinâmica da história humana. Isto não significa que temas conceituais ou teóricos fiquem excluídos. Em geral, no entanto, estes temas assumem duas formas principais:

- a primeira se refere à variação do conceito na literatura, ou entre grupos sociais determinados. Neste caso, o que se estuda é a variação de sentido do conceito, ou das ideologias a seu respeito. Por exemplo, a pergunta sobre o que “é” a democracia é uma questão estritamente filosófica; mas a pergunta sobre as diversas acepções que o conceito assume para diferentes grupos sociais ou períodos históricos é um tema de teoria sociológica e política.
- a segunda se refere ao âmbito de variação do conceito: dada uma acepção determinada de democracia, é possível perguntar em que medida diversos países, e diversas épocas históricas, se aproximam ou se afastam dela. Como se criássemos um parâmetro por meio do qual medirmos certas variações: a idéia de “tipo ideal” em sociologia se aproxima disso, pois como o definiu Max Weber, o tipo ideal é um exagero de certos traços da realidade social empírica com o intuito de percebermos sua forma “pura”, ou seja, ideal, e daí podermos a ela estabelecer comparações (ex.: um tipo ideal que definia Estado Moderno ou Dominação Legal-Racional ou Ação Social com relação à Tradição).

e) Definir o problema do modo mais completo possível e com a maior precisão:

- Não é raro termos um problema que pode (e sempre que pode, deve) ser subdividido em mais de um. Um bom critério é observar a possibilidade de verificação do que estamos

nos propondo: se for algo muito abstrato, certamente não teremos condições de produzir pesquisa sobre isso. Exemplo: uma pesquisa que tenha por objetivo responder a pergunta “o que gera a evasão escolar?” deverá necessariamente ser subdividida em mais estudos, pois existem vários fatores que incidem ou podem incidir sobre o problema. Desse modo se delimita melhor uma dimensão viável para a pesquisa (do ponto de vista operacional e teórico – caso contrário não saímos do lugar!).

- Outra dica: um problema é tanto melhor definido quanto mais se aproxime de uma pergunta. Nem sempre é possível, mas só esse exercício já nos ajuda a organizar nossas idéias. Esse procedimento facilita a identificação do que efetivamente se deseja saber sobre algo. Lembre-se: um objeto de pesquisa é um problema que se pretende resolver!
- O problema deve ter clareza. Os termos utilizados devem deixar suficientemente explícitos os seus significados ou como serão utilizados. O termo “socialização”, por exemplo, tem um sentido em sociologia relativo à integração do indivíduo no grupo, mas possui outro sentido no uso cotidiano.
- O problema deve ser preciso. Embora com o significado esclarecido, nem sempre os termos apresentados na formulação do problema deixam claros os limites de sua aplicabilidade. Por exemplo, se uma pesquisa tem como objetivo estudar populações com baixo nível de socialização urbana, torna-se necessário conferir maior precisão ao conceito, a fim de que se possam conhecer os limites a partir dos quais se pode considerar que uma população apresenta baixo nível de socialização urbana.
- Creio que aqui é o momento de estabelecermos nossas hipóteses. Não é todo tipo de estudo que permite a construção dessas (os etnográficos, por exemplo), mas em todos eles devemos saber buscar algo mais preciso, ter a cada instante uma explicação provisória (hipótese de trabalho), uma teoria, verdadeira ou falsa, para controlar, o que significa imaginarmos hipóteses. Sim, imaginarmos, e esse é provavelmente o momento mais difícil para um pesquisador. Ciência também se faz com uma boa dose de imaginação! Por um processo lógico, se temos perguntas a serem respondidas, temos também possíveis explicações a serem testadas, que é o melhor caminho para encontrarmos nossas respostas, ou melhor, a resposta que se apresente como a mais provável ou a que se configura como válida, entre várias imaginadas.
- O problema deve apresentar referências empíricas. A observância a este critério nem sempre é fácil, principalmente em estudos exploratórios, bibliográficos ou etnográficos, quando não temos uma hipótese bem definida. No entanto, é imprescindível para a operacionalização de nossa pesquisa – para torná-la viável e para decidirmos sobre as técnicas e procedimentos de pesquisa a serem utilizados – a transformação de nossas hipóteses em **variáveis** testáveis, pois de outro modo não há controle sobre o processo da pesquisa, nem clareza sobre os seus resultados. Portanto, as hipótese – possíveis respostas à pergunta-problema que é nosso objeto de pesquisa – devem ser transformadas em variáveis – ou índices –, passíveis de medição ou alguma forma de verificação empírica.
- Se nossa pesquisa é bibliográfica, nosso objeto não é o livro Y ou o autor X, mas um problema acerca de tal obra ou qual autor, ou mesmo sobre toda uma corrente de pensamento. Agora, nosso campo de trabalho, por assim dizer, serão os livros sobre os

quais realizaremos nossa pesquisa e a respeito dos quais desejamos saber algo. Em pesquisa bibliográfica se trabalha com a análise bibliográfica.

3) Metodologia

Definido o problema e analisada a literatura prévia, é chegada a hora de pensar em dados!

— É fundamental um planejamento cuidadoso nessa fase, ainda que nunca um projeto funcione de modo tão mecânico: primeiro se planeja e depois seguimos à risca e sem nenhum problema tudo o que planejamos; sabemos que não é assim. No entanto, devemos detalhar e descrever o melhor que pudermos, pois aqui chegamos no ponto de *operacionalizarmos* nossa pesquisa, nosso objeto e nossas hipóteses: é o momento de decidir sobre como iremos testá-las? Algumas boas sugestões:

*Definir com precisão a **unidade de análise**. A pesquisa vai se referir a pessoas, a grupos de pessoas, a instituições, a um conjunto de decisões? Ou a alguma combinação destes? Ou a conceitos ou “achados” da literatura?*

*Dependendo da unidade de análise, devemos decidir **qual a metodologia**. Pesquisa por **survey**? Análise de documentos históricos? Observação participante? Análise bibliométrica?*

*Outro aspecto importante é definirmos sobre **dados primários ou secundários**. É importante observar, aqui, que existe um custo alto de coleta de dados primários, e, por outro lado, que existe uma grande disponibilidade de dados pouco analisados que podem ser utilizados.*

— Como se trata de um projeto (que normalmente é avaliado por um terceiro) devemos nesse ponto da metodologia, no projeto escrito, apresentar nossas **hipóteses**.

— Aqui também deve ser incluído nosso cronograma de trabalho (organizar em uma tabela) com os custos necessários (se for possível calculá-los).

— É importante o trabalho sistemático, com registros escritos e fichamentos!!!

Como organizar as tarefas (exemplo):

- a) 2 meses => Leitura sistemática (ou seja, fichamento de toda a literatura básica especializada, entrevistas realizadas, documentos etc.)
- b) 2 meses => Coleta dos dados
- c) 1 mês => Sistematização do material coletado (Aqui você tenta responder às perguntas que você deseja e que você mesmo propôs. Caso o trabalho não preveja coleta de dados empíricos, mas seja um estudo bibliográfico o trabalho será a análise das fichas de leitura)
- d) 1 mês => Escrever o texto final (redação da monografia, dissertação ou tese – ou, por exemplo, escrever o *paper* ou artigo para uma revista científica)

Você também pode organizar tabelas:

Tarefa/Mês	1º mês	2º mês	3º mês	4º mês
tarefa 1	X	X		
tarefa 2		X	X	
tarefa 3			X	

A cada uma das etapas descritas até aqui correspondem *produtos*: a) fichas (de tudo que foi lido); b) dados construídos e organizados conforme procedimentos utilizados; c) esboço do texto final, normalmente disposto em diversos textos produzidos a partir da análise dos dados coletados ou, no caso de pesquisa bibliográfica, das fichas produzidas em a (nesse caso você estaria lidando com os produtos de seus fichamentos); d) texto final, *paper*, monografia, dissertação, tese ou relatório de pesquisa.

3. *Idéias “práticas” para se fazer um projeto de pesquisa.*

Como vimos, temos um modelo em três etapas para elaboração do projeto. Simples. No entanto, devemos atentar para o fato de que **o principal na elaboração de um projeto de pesquisa é definir o objeto** (um problema ou uma pergunta). Aliás, sobre ele é que “gira” toda a nossa pesquisa. Definir o objeto, estudá-lo, conhecê-lo e apresentá-lo em um texto escrito. Isso é normalmente o que chamamos de fazer pesquisa. Dentro desse espírito, devemos ter em mente ainda que o principal, para termos um objeto científico, é que estabeleçamos as condições sobre as quais poderemos, nós e os outros, falarmos sobre o tal objeto. E, é claro, uma pesquisa que se pretenda científica deve prever como e em que condições poderemos verificar o que propomos sobre o nosso objeto. Sim, porque buscamos compreendê-lo e isso significa tecer e expor explicações a seu respeito. Mas, para ser científica, nossa pesquisa precisa estabelecer condições de verificação das relações que propomos e das explicações que apresentamos. Numa pesquisa, o fundamental é o nosso *trabalho de construção do objeto e de suas relações*, isto porque é a pesquisa que constrói, num certo sentido, a realidade, pelo próprio trabalho do pesquisador em delimitar e explicar um fenômeno ou evento. E o faz **construindo o objeto** de pesquisa – o problema-pergunta que deseja resolver –, **a hipótese, os dados** – eles não estão lá, na “realidade”! Os próprios dados já são elaborações teóricas – e as relações entre esses dados, isto é, **as relações entre as variáveis** estabelecidas para o teste da hipótese. A questão da metodologia (se qualitativa ou quantitativa, se etnográfica ou estatística etc.) é secundária, num certo sentido. E vale a criatividade do pesquisador em construir e inventar meios para investigar o que quer investigar. Tanto quanto é importante sua intuição neste processo (ainda que não possamos dispensar os modelos da lógica e do pensamento racional). Em suma, o modelo de “passos” a percorrer numa pesquisa que acabamos de apresentar é o que garante o que normalmente denominamos por objetividade científica.

Adiante, mais algumas observações ou “dicas”.

- **Não escreva um texto gigantesco!** Um projeto de pesquisa deve ter entre 10 e 15 páginas (no máximo), pois se trata do projeto e não do trabalho final. E mesmo 10 páginas é para projeto de mestrado ou doutorado.
- **Você não deve fazer uma pesquisa “para dizer alguma coisa”.** Se você já tem algo a dizer a pesquisa torna-se supérflua e dispensável. Vá escrever logo o seu livro! Agora, se você tem *perguntas* ou como pressuposto que não sabe, então a pesquisa será sua aliada. Se eu penso coisas a

respeito do problema que me proponho como objeto de pesquisa, então não faz sentido fazer a pesquisa, a não ser se eu coloco o que penso como mera hipótese a ser verificada.

- Fazer um projeto é planejar a pesquisa, organizar suas idéias e responder para si mesmo: **o que eu quero saber em relação a um tema qualquer?**
- Tudo deve ser escrito. Ao escrever estamos pensando, produzindo idéias, nos organizando. Além de criamos uma memória auxiliar. Devemos fazer isso sempre e anotarmos todas as idéias que tivermos ao longo da pesquisa. Observe que ainda não estamos escrevendo a tese.
- **A palavra-chave é sistematização!** É sempre interessante trabalhar com a construção de esquemas, quadros mnemônicos ou sinóticos, tabelas, cronogramas e um caderno de anotações (pode ser no computador).
- **Uma pesquisa sempre é teórica.** Assim como um objeto é sempre teórico. Isto significa que nosso objeto de pesquisa na verdade nunca é empírico, pois o objeto é sempre uma pergunta, algo que desejamos conhecer acerca de um assunto (que pode ser um fenômeno ou evento empírico e que se desenvolverá sobre um conjunto de dados empíricos). De modo que temos um problema formulado em termos teóricos que a pesquisa vai nos ajudar a resolver.

4. *O que fornece validade científica a um projeto de pesquisa?*

O que define o caráter científico de nosso trabalho? Segundo Umberto Eco, existem quatro condições básicas para a **validade científica** de uma pesquisa:

- 1.O objeto de nossa pesquisa (para ser científica) deve ser *reconhecível e definido de tal maneira que seja reconhecível igualmente pelos outros*. O termo “objeto” não é referente a algo físico, mas simplesmente uma construção (sempre abstrata), a um “objeto de investigação” definível por uma pergunta, enfim. Definir um objeto significa então definir as condições sobre as quais podemos falar sobre ele, com base em certas regras que estabelecemos ou que outros estabeleceram antes de nós (a comunidade científica). Umberto Eco nos fornece um exemplo de como construir um objeto: “(sobre um projeto hipotético que teria como objeto os centauros) Em primeiro lugar, podemos falar dos centauros tal como estão representados na mitologia clássica, de modo que nosso objeto se torna publicamente reconhecível e identificável, porquanto trabalhamos com textos (verbais ou visuais) onde se fala de centauros. Tratar-se-á, então, de dizer quais as características que deve ter um ente de que fala a mitologia clássica para ser reconhecido como centauro [...] Em segundo lugar, podemos ainda decidir levar a cabo uma pesquisa hipotética sobre as características que, num mundo possível (não o real), uma criatura viva *deveria* revestir para poder ser um centauro. Temos então de definir as condições de subsistência deste mundo possível, sem jamais esquecer que todo o nosso estudo se desenvolve no âmbito daquela hipótese. Caso nos mantenhamos rigorosamente fiéis à premissa original,

estaremos à altura de falar num “objeto” com possibilidades de tornar-se objeto de pesquisa científica [...] Em terceiro lugar, podemos concluir que já possuímos provas suficientes para demonstrar que os centauros existem de fato. Nesse caso, para constituirmos um objeto viável de discurso, deveremos coletar provas (esqueletos, fragmentos ósseos, fósseis, fotografias infravermelhas dos bosques da Grécia ou o mais que seja), para que também os outros concordem que, absurda ou correta, nossa hipótese apresenta algo sobre o qual se possa refletir [...] esse exemplo é paradoxal, e não creio que vá alguém fazer teses sobre centauros, em especial no que respeita a terceira alternativa; o que pretendi foi mostrar como se pode constituir um objeto de pesquisa reconhecível publicamente sob certas condições”;

2.O estudo *deve dizer algo que ainda não foi dito ou rever algo que já se disse*, porém sob uma ótica diferente;

3.O estudo *deve ser útil aos demais*. Útil num sentido bem amplo, naturalmente. “Um artigo que apresenta novas descobertas sobre o comportamento das partículas elementares é útil. Um artigo que narre como foi descoberta uma carta inédita de Leopardi e a transcreva na íntegra é útil. Um trabalho é científico se (observados os requisitos 1 e 2) acrescentar algo ao que a comunidade já sabia, e se todos os futuros trabalhos sobre o mesmo tema tiverem que levá-lo em conta, ao menos em teoria”;

4.O estudo *deve fornecer elementos para a verificação e a contestação das hipóteses apresentadas*. Ora, só pode ser considerado científico (o que não significa expressar a verdade ou ser o único interessante) o discurso que estabelece as condições sob as quais o que se afirma estará correto e também as condições sob as quais o que se afirma se verificará falso. A pesquisa científica é sempre verificável, o que significa dizer que é sempre refutável. Ao contrário do que se possa dizer, a ciência não lida com a verdade, mas com conhecimentos *válidos*, ou verdadeiros sobre certas condições. Daí segue que uma afirmação é dita científica justamente porque é refutável ou falsificável;

→ Podemos acrescentar: uma pesquisa científica deve sempre prever seus produtos – um artigo, um livro, a solução para um problema de engenharia etc. Devemos ser mais atentos a resultados práticos! Uma pesquisa que não termine em um *produto* foi tempo perdido.

Resumindo, posso definir a *objetividade científica* de dois modos principais: primeiro como uma definição clara de meu objeto, de modo que ele seja reconhecível (e, com sorte, cognoscível) por mim e pelos outros. Ou seja, sou objetivo quando defino um objeto de estudo de tal maneira que estejam dadas as condições sobre as quais eu e qualquer pessoa possamos falar sobre esse objeto e sobre as conclusões a que chego no estudo desse objeto, conforme regras que foram estabelecidas por mim, em acordo com meus pares, ou por outras pessoas antes de mim. Agora, há um outro sentido implicado nas palavras “objetivo” ou “objetividade”, que é o segundo modo de definir a chamada objetividade científica a que eu me referi: é que objetividade não aponta para algo “físico” (“concreto”, “tangível” ou “material”), como se pode pensar à primeira vista, porém, aponta para a necessidade de verificação empírica de relações causais – ou, ao menos, para a verificação lógica de relações entre variáveis. Ou, como se pretende em ciências sociais, para a necessidade de verificação de “relações causais” e de “relações de simetria” – a primeira referindo-se aos fenômenos que poderiam ser descritos em termos de suas variáveis determinantes, suficientes e necessárias (dado um evento A, segue necessariamente um evento B); a segunda, relações de simetria, referindo-se aos fenômenos em relação aos quais não podemos isolar uma variável causal, suficiente e necessária, mas onde encontraríamos múltiplas variáveis agindo em

diferentes graus, ou até mesmo sobre diferentes fenômenos. Bem, o fato é que independentemente de como vemos a ciência, não podemos nos privar do princípio de refutabilidade empírica, nem do pensamento lógico-racional. E, muito menos, de usarmos o bom senso quanto ao estabelecimento das condições sobre as quais se pode discutir sobre um “objeto”, tal como no exemplo de Umberto Eco sobre os centauros, desde que não ultrapássemos os limites do absurdo. De um modo simples e geral, o trabalho de investigação científica pode ser descrito como desenvolvido em algumas fases, mas não necessariamente sucessivas como num roteiro linear; ao contrário, é possível que numa pesquisa o investigador retorne constantemente aos momentos anteriores ou desenvolva algumas atividades simultaneamente.

Definição dos objetivos ou o que eu quero saber sobre determinado tema

- | | | |
|--------------------------|---------------------------|----------------------------|
| 1. Revisão da literatura | 2. Formulação do problema | 3. Elaboração de hipóteses |
|--------------------------|---------------------------|----------------------------|

Delineamento da pesquisa

O plano teórico

O plano técnico

- | | | | | |
|--------------------------------------|--------------------------------|---|--|-----------------------|
| 4. Escolha da abordagem metodológica | da teórico-estratégia de dados | 5. Escolha do método ou estratégia de coleta de dados | 6. Operacionalização dos conceitos e das variáveis | 7. Seleção da amostra |
|--------------------------------------|--------------------------------|---|--|-----------------------|

O processo da pesquisa

- | | | | | | |
|--|---------------------|---------------------------------------|---|--|---|
| 8. Elaboração dos instrumentos de coleta dos dados | 9. Coleta dos dados | 10. Análise e interpretação dos dados | e dos relatórios, artigos ou <i>paper</i> | 11. Redação do relatório, artigo ou <i>paper</i> | 12. Divulgação dos resultados da pesquisa |
|--|---------------------|---------------------------------------|---|--|---|
-

Sugestões de leitura para a elaboração do projeto de monografia:

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras**, São Paulo: Editora Ars Poética, 1996.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**, São Paulo: Perspectiva, 1977.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**, São Paulo: Melhoramentos, 9ª ed., 1978.

LAVILLE, Christian & DIONNE, Jean. **A construção do saber. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humana**, Belo Horizonte: Editora UFMG/ São Paulo: Artmed, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 4ª ed., 1995.

BRUYNE, Paul De; HERMAN, Jacques; & SCHOUTHEETE, Marc De. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**, Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 5ª ed., 1991.

WEBER, Max. A “**objetividade**” do conhecimento nas Ciências Sociais. In Weber, Sociologia, “Coleção Grandes Cientistas Sociais”, Gabriel Cohn (org.), São Paulo: Editora Ática, 4ª ed., 1989. Traduzido por Gabriel Cohn.

PROCUREM, AINDA, OS LIVROS SOBRE METODOLOGIA CIENTÍFICA DE LAKATOS E OBRAS SOBRE MONOGRAFIA JURÍDICA!!!

OS PÓLOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS QUE CONSTITUEM O PROCESSO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS²

1º. Pólo (epistemológico) – Os processos discursivos ou a lógica de abordagem da realidade

- Executa a vigilância crítica sobre o trabalho;
- Garante a objetivação do conhecimento científico, sua produção;
- Estabelece a ruptura com o senso comum;
- *Explicita a problemática da pesquisa;*
- Define as regras da produção do conhecimento científico: *regras de explicação/ compreensão, de validação etc;*
- É a lógica adotada para a abordagem que se pretende da realidade:
 1. Hipotético-dedutiva
 2. Dialética
 3. Fenomenológica
 4. Quantificação
 5. Estruturalista

2. Pólo (morfológico) – Os quadros de análise

- *Determina a configuração arquitetônica do objeto;*
- Define as regras de formação e de estruturação do objeto científico com base em *analogias;*
- Estabelece a relação entre seus elementos, dando-lhe uma configuração específica;

² **Fonte:** BRUYNE, DE PAUL e HERMAN JACQUES e SCHOUTHEETE, MARC DE. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais, Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 5ª edição, 1991.

- Define as relações causais ou de simetria, enfim, *define as relações entre as variáveis da pesquisa*;
- São quadros de análise:
 1. As tipologias
 2. O tipo ideal
 3. Os sistemas
 4. Os modelos estruturais

3º. Pólo (teórico) – Os quadros de referência

- Confere a *nomeação* do objeto de pesquisa, ou seja, *a construção de conceitos e teorias*;
- Dirige a construção das hipóteses;
- É o lugar da elaboração das linguagens científicas;
- São as “grandes teorias”, ou seja, teorias que servem de referência para outras teorias, ou em outros termos, *são os paradigmas*;
- Está diretamente vinculado ao pólo dos quadros de análise (morfológico), que decorrem dos quadros de referência;
- São quadros de referência:
 1. Positivismo
 2. Estruturalismo
 3. Funcionalismo
 4. Marxismo
 5. Compreensão/ Interpretativismo

4º. Pólo (técnico) – Os modos de investigação

- *Controla a coleta de dados*;
- Permite a confrontação entre os dados coletados e a teoria que os recortou;
- Tem regras de precisão dentro de seus pressupostos;

- *Define a forma como o pesquisador vai encontrar-se com os fatos empíricos e como vai tratá-los;*
- São modos de investigação:
 1. Estudo de caso
 2. Observação participante
 3. Método comparativo
 4. Experimentação
 5. Simulação
 6. Método estatístico
 7. Método clínico

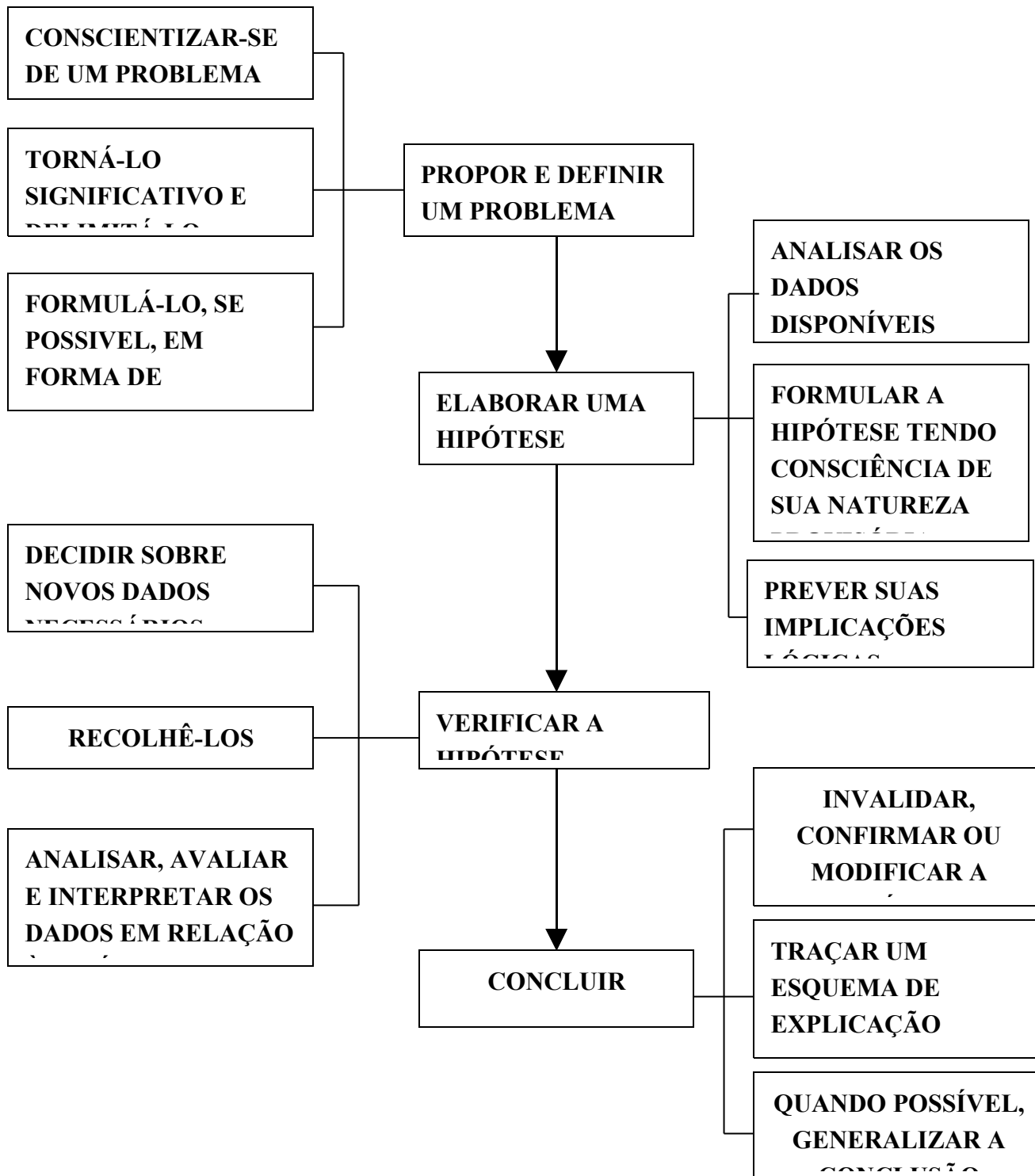
Os pólos se relacionam entre si de modo a constituírem aspectos do mesmo processo, nunca autônomos ou independentes:

<p><u>PÓLO EPSITEMOLÓGICO</u></p> <p>LÓGICA CIENTÍFICA</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 10px; text-align: center;"> <p>HIPOTÉTICO-DEDUTIVA DIALÉTICA FENOMENOLÓGICA QUANTIFICAÇÃO ESTRUTURALISTA</p> </div>	<p><u>PÓLO MORFOLÓGICO</u></p> <p>QUADROS DE ANÁLISE</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 10px; text-align: center;"> <p>TIPOLOGIAS TIPO IDEAL SISTEMAS MODELOS ESTRUTURAIS</p> </div>
<p><u>PÓLO TEÓRICO</u></p> <p>QUADROS DE REFERÊNCIA OU TEORIAS</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 10px; text-align: center;"> <p>POSITIVISMO ESTRUTURALISMO FUNCIONALISMO MARXISMO COMPREENSÃO OU INTERPRETATIVISMO</p> </div>	<p><u>PÓLO TÉCNICO</u></p> <p>MODOS DE INVESTIGAÇÃO</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 10px; text-align: center;"> <p>ESTUDO DE CASO OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE MÉTODO COMPARATIVO EXPERIMENTAÇÃO SIMULAÇÃO MÉTODO ESTATÍSTICO MÉTODO CLÍNICO</p> </div>

Além dos modos de investigação, temos diversas estratégias de investigação e verificação: as técnicas de pesquisa. Entre elas encontramos: Enquete (levantamento geral de uma situação ou fenômeno); Pesquisa de Opinião; Survey (levantamento sumário de dados ou de opinião); História de vida; História oral; Pesquisa participante; Pesquisa bibliográfica; Pesquisa documental; Entrevista; Análise documental ou de discurso; Análise de Conteúdo; Análise Bibliométrica; Questionário etc.

Anexo II (recomenda-se a leitura da obra “A construção do saber”)

GRÁFICO DAS ETAPAS DA PESQUISA CIENTÍFICA



Fonte: Laville, Christian & Dionne, Jean. *A construção do saber. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*, Belo Horizonte, Artmed/UFMG, 1999, página 47. Inspirado em Barry Beyer, *Teaching in Social Studies*, Ohio, Columbus: Charles E. Merrill, 1979, página 43.

Anexo III

Desenvolvimento do projeto

Escolha do tema, assunto, tópico, dúvida, idéia, problema ou questão

- Que problema me interessa pesquisar?
- Qual é a minha pergunta?
- Porque eu acho válido, significativo, importante, interessante pesquisar isso?
- Como eu justificaria minha proposta de pesquisa?

Formulação do problema

- O problema pode ser formulado, de modo claro e preciso, por meio de uma pergunta ou de uma frase?
- Consigo estabelecer os fatores ou elementos que integram esse problema e as relações que existem entre eles?
- Como eu poderia limitar meu problema?
- Se tenho uma pergunta, ela pode ser subdividida em mais de uma ou o meu problema pode ser recortado em outros sub-problemas?
- O problema pode ser investigado? O projeto é exequível? Pode ser executado em cerca de seis meses?

→ Estabelecer o **objeto** (teórico, naturalmente) da pesquisa.

Formulação da hipótese

- Eu posso formular uma hipótese sobre o fenômeno que pretendo estudar?
- Qual é a minha hipótese?
- Existem mais de uma hipótese para explicar ou interpretar esse fenômeno? Quais?

- São claras o suficiente?
- São verificáveis?
- Qual minha hipótese principal?

O contexto do problema

- Qual o contexto atual do problema que pretendo pesquisar?
- Por que este problema se manifesta?
- Sempre foi assim?
- Quais os fatores que eu suponho que contribuem para a existência deste problema?
- Como ele varia no tempo e no espaço?

Unidade de análise

- Qual o âmbito de análise de meu estudo?
- Qual a dimensão mais adequada para minha pesquisa: micro ou macro-social? Uma pesquisa psicosocial ou institucional?
- Qual a unidade de análise da pesquisa ou o meu **objeto** (empírico)?
- Os dados ou informações serão coletados em que nível: pessoa, grupo, comunidade, instituição?

Anexo IV

A apresentação dos resultados pode ser feita por diversos meios:

- Produção de textos sobre o problema estudado – sendo obrigatória para todos os grupos e alunos a apresentação de um relatório final de pesquisa;
- Realização concreta de alguma atividade, que poderá ser uma dramatização, um festival de música ou uma coletânea de crônicas e contos;
- Elaboração de uma proposta de política pública – inclusive para apresentação aos órgãos públicos competentes;
- Projeto de intervenção social. Pode uma proposta de ação para um determinado órgão executivo governamental, um movimento de bairro ou mesmo para a escola. Pode ser também uma campanha na Internet;
- Produção de um vídeo etnográfico, um vídeo documentário ou ensaio fotográfico, para apresentação na escola ou até mesmo para um público exterior.

Anexo V

Os métodos ou estratégias de pesquisa podem ser:

- Observação participante - os grupos de pesquisa serão orientados sobre como observar fenômenos sociais e cada aluno, individualmente, manterá um caderno de anotações, o seu diário de campo, para inscreverem ali suas observações, dados e reflexões sobre a temática estudada;
- Entrevistas qualitativas (abertas, semi-abertas ou fechadas);
- Pesquisa bibliográfica;
- Pesquisa documental;
- História oral e história de vida;
- “Expedições” para pesquisa de campo (observação participante e aplicação de entrevistas), se possível, e sempre com a orientação e acompanhamento do professor, visando o contato direto dos alunos com os fenômenos sociais estudados;
- Análise de conteúdo ou análise bibliométrica (com suporte de instrumental estatístico);
- Utilização de técnicas de vídeo e fotografia na pesquisa social.

Anexo VI – Algumas orientações sobre como fazer entrevistas

Pode-se definir a entrevista como uma técnica de pesquisa em que o pesquisador se apresenta em frente ao pesquisado e lhe formula perguntas com o objetivo de obter certas informações referentes à pesquisa em curso. A entrevista é uma das técnicas mais utilizadas nas ciências sociais e muitos a consideram a técnica por excelência da investigação social, comparável ao tubo de ensaio na Química, ao microscópio na Microbiologia ou ao telescópio na Astronomia. Não existem regras fixas para a realização de entrevistas, mas aí vão algumas orientações de pesquisadores experientes:

1. Antes de tudo deve-se explicar o objetivo da entrevista para o informante ou entrevistado. Os objetivos e relevância da pesquisa devem ser conhecidos pelo entrevistado. Ele tem esse direito.

2. Tenha claro em mente os seus objetivos e os objetivos da pesquisa que realiza. As perguntas formuladas devem permitir a coleta de informações que atendam aos objetivos da pesquisa e tão somente isso. Cada pergunta deve ter um objetivo e não ser feita em vão.
3. Receber com naturalidade qualquer resposta; se a resposta do entrevistado for “não sei”, anotar “não sabe”: naturalmente, sem espanto; por exemplo: ao perguntar sobre “coleta seletiva”, imagine que o entrevistado reaja com “como assim?”; você deve explicar o que é (sem espanto porque a pessoa não sabe) e anotar (delicadamente) que ela não sabia o que era.
4. As questões devem ser formuladas de modo claro, simples e que não deixe dúvidas quanto ao seu significado. Se você vai entrevistar uma pessoa com quase nenhuma escolaridade, então ao invés de usar as expressões “residência”, “conjuntura econômica” ou “etnia”, deve-se preferir as expressões “casa”, “cor da pele” ou “condições de vida”. Talvez esse não seja um bom exemplo, mas é suficiente para mostrar que devemos prestar atenção aos nossos entrevistados. Quer dizer, se nosso objetivo é obter informações, então devemos ser claros para aquele tipo de pessoa com quem conversamos.
5. As perguntas não podem ser ambíguas. Ex.: uma empresa quis saber sobre o nível de vida de seus funcionários e uma das perguntas feitas foi “O futuro de seu filho é melhor ou pior do que aquele que lhe foi oferecido na mesma idade?”. As respostas foram “Sim”, “Não”, “Se Deus ajudar” etc.
6. As perguntas também não podem ser muito longas e nem devem provocar constrangimento. É melhor deixar de perguntar algo do que ser indelicado com nosso entrevistado. Lembre-se: ele não tem a obrigação de nos responder nada, portanto, devemos ser gratos e éticos. Ex. para não constranger: se você quiser saber se determinadas pessoas de um certo grupo social toma banho todos os dias não deve perguntar isso diretamente, mas procurar informações sobre quantos sabonetes gastam por semana.
7. Acima de tudo, a ética. Não se revela nada do que se obtém numa entrevista que não seja autorizado pelo entrevistado, inclusive sua identificação. Se ele disser: “não quero que grave ou anote tal coisa”, deve-se respeitá-lo. Não somos investigadores policiais, mas pesquisadores científicos.
8. Não se deve influenciar a resposta do entrevistado ou induzi-lo. Isto é falta de procedimento científico e revela incompetência do pesquisador. Deve-se ficar o mais neutro possível. As perguntas não devem conter as respostas implícitas. Ex.: “Suponho que a causa do desemprego seja a depressão econômica. O que você acha?”. Está errado.
9. Para o bom andamento da entrevista, o pesquisador deve ser bem recebido. Para tanto, o entrevistador deve ser sempre simpático. E deve agradecer ao término do procedimento.
10. É de fundamental importância que se crie um clima amistoso no início da entrevista e que as primeiras perguntas sejam as mais “fáceis” ou menos “constrangedoras” para o entrevistado. Quer dizer, a cordialidade é fundamental e em momento algum o entrevistado deve sentir-se coagido. O entrevistador inteligente deixa o entrevistado à vontade.
11. Devem ser feitas em primeiro lugar perguntas que não conduzam à recusa em responder, ou que possam provocar alguma resistência. O entrevistador somente faz as perguntas mais difíceis depois de iniciado o diálogo. Ex.: se você for perguntar sobre renda familiar ou questões relativas a sexo, é aconselhável deixar tais questões para o fim da entrevista. Lembre-se: as pessoas envergonham-se diante de gravadores ou perguntas intimistas.
12. Algumas questões podem (e às vezes devem) ser fragmentadas em mais de uma questão, isso obedece ao princípio de precisão. Inclusive é estratégico para as perguntas “difíceis”. Quer dizer, ao invés de perguntar o salário da pessoa, pergunte quantas televisões, geladeiras, micro-ondas, carros etc. ele tem em casa (quantos cômodos tem, renda familiar aproximada etc.) para depois ter uma idéia relativamente precisa sobre sua situação socioeconômica. Outro ex.: no lugar de perguntar sobre uma idéia muito geral (como “O que você pensa sobre a vergonha?”), é melhor perguntar várias coisas específicas (“Você já se sentiu constrangido na

presença de uma outra pessoa?”, “Poderia relatar o caso?”, “O que você pensa que o levou a sentir-se assim?” etc.).

13. Nas entrevistas em profundidade (que é o caso de vocês), as perguntas não seguem uma ordem fixa ou rígida e dependem muito do contexto e do rumo da conversação. No entanto, se você for entrevistar mais de uma pessoa, é interessante que as perguntas sigam mais ou menos um padrão, para que o estímulo seja o mesmo. Isso mantém o princípio científico de objetividade, pois indivíduos diferentes responderiam ao mesmo estímulo, no caso, a mesma pergunta, de tal modo que as respostas seriam mais confiáveis e forneceriam informações sobre um mesmo aspecto da vida humana e social.
14. Não se deve levar uma longa pauta de entrevista, mas ao contrário, deve-se também criar as perguntas conforme a conversa for acontecendo. Faça poucas perguntas diretas e preserve a espontaneidade do processo. Só intervenha se o entrevistado se afastar muito do objetivo da entrevista, mas de maneira suficientemente sutil.
15. Só devem ser feitas perguntas diretamente quando o entrevistado estiver pronto para dar a informação desejada e na forma precisa.
16. Deve ser feita uma pergunta de cada vez.
17. As perguntas que não forem respondidas podem até ser repetidas mais ao final da entrevista, se houver clima, mas sem pressão. Se o entrevistado não quiser responder, é seu direito. Pode-se reformular a pergunta.
18. Convém manter em mente as questões principais ou mais importantes até que sejam respondidas ou que se tenha a informação adequada sobre elas; assim que uma pergunta importante tenha sido respondida, deve ser abandonada em favor da seguinte. Não se atenha a detalhes ou comentários que nada têm a ver com o que se pretende. Lembre-se: este é um procedimento científico que segue um objetivo, não é uma conversa entre amigos sobre amenidades. Portanto, tenha sempre em mente o que deseja saber, quais as questões importantes, quais as suas hipóteses a serem refutadas ou confirmadas. O pior que poderia lhe acontecer é o próprio entrevistador se perder na conversa.
19. Se o entrevistado não entender a pergunta deve-se, antes de explicá-la, repeti-la tal como foi formulada. Essa orientação segue o princípio de que as perguntas devem fornecer o mesmo estímulo para os diferentes entrevistados. Tentar “ajudar” pode influenciar a resposta, por isso deve-se evitar perguntas que iniciem assim: “Você não acha que...”.
20. Frequentemente uma pergunta provoca uma resposta obscura ou incompleta. O pesquisador deve, então, utilizar alguma técnica que estimule uma resposta mais completa. Há formas de indagação que apresentam esse estímulo mantendo bastante neutralidade. Ex.: “Poderia contar um pouco mais a respeito?”, “Qual a causa, no seu entender?”, “Qual a sua idéia com relação a esse ponto?”, “Qual o dado lhe parece mais exato?”, “Nos conte mais a respeito”, “Você poderia desenvolver mais esse argumento?”, “Você poderia nos falar mais a esse respeito?”.
21. Preste atenção em seu entrevistado, isso estimula sua disposição para responder. Demonstre interesse por aquilo que ele fala. Até nossa expressão de interesse conta muito. É importante também estarmos concentrados, pois de outro modo não acompanharemos seu discurso e não saberemos dar seqüência à entrevista. Anote tudo o que puder sobre a atitude, as expressões (faciais etc.) e as emoções, mas de modo discreto. De preferência, após o término da entrevista.
22. Não interrompa o entrevistado, ele pode ficar cansado logo e parar a entrevista. Evite interrompê-lo, acompanhe seu raciocínio e deixe que ele fale! Mas não se deve fazer uma entrevista muito longa. Deve-se terminá-la antes que o entrevistado demonstre cansaço, pois o ideal é que o próprio entrevistado não sinta alívio ao término do processo, mas gratificação.
23. Deve-se gravar a entrevista, mas se isso não for possível deve-se ter o cuidado de ser o mais discreto possível com a anotação das respostas do entrevistado. Aliás, a discrição é importante também na entrevista gravada (se o entrevistado estiver com vergonha devido ao gravador, tire o foco dele). Mas quando se anota, deve-se

levar em consideração o seguinte: disponha o papel na mesma linha visual do entrevistado, de preferência num plano; você não pode ficar apenas copiando o que o entrevistado diz, mas deve prestar atenção ao que ele fala até para dar seqüência à entrevista, então não fique preso ao papel; se não der para acompanhar a fala do entrevistado, copie o que der (é melhor prestar atenção e depois tentar reconstituir o que foi dito, mas não peça para que se repita o que foi dito); comece a anotar apenas depois que o entrevistado começar a falar; nesse caso, anote atitudes, como já foi sugerido; utilize as mesmas palavras do entrevistado, evite resumir ou parafrasear, a não ser que tudo esteja muito rápido (mas depois você deve tentar reconstituir tudo como foi dito); incluir tudo o que se referir ao objetivo da pergunta e descartar o que não for importante; use ponto de exclamação e outros sinais para registrar o tom de voz, ironia etc.

24. “O bom entrevistador deve, efetivamente, reunir duas qualidades muitas vezes incompatíveis: saber observar, ou seja, deixar a criança [eu diria, o entrevistado] falar, não desviar nada, não esgotar nada e, ao mesmo tempo, saber buscar algo de preciso, ter a cada instante uma hipótese de trabalho, uma teoria, verdadeira ou falsa, para controlar”. (Piaget, citado em *Métodos e técnicas de pesquisa social*, p. 116).

Anexo VII – Orientações para a realização da observação participante

- O objeto de estudo por meio de observação participante não é apenas o folclore, nem mesmo somente aquilo que é mais visível (como, por exemplo, as características do lugar); o principal é o comportamento concreto das pessoas.
- Tudo é importante para um observador atento: como as pessoas vivem nesse lugar? O que elas fazem? Como se comportam? Que sentimentos elas expressam? E, principalmente, *o que elas pensam sobre o que fazem?* É importante olhar as coisas miúdas da vida cotidiana e aprender a ouvir e aprender com os próprios sujeitos da vida local.
- Deve-se receber com naturalidade qualquer resposta dada e todo o comportamento observado. E nunca, absolutamente, esquecer da ética no trabalho em campo: não se deve “forçar” ninguém a qualquer coisa (a responder uma pergunta, a posar para fotos etc.) nem revelar sua identidade ou distorcer as informações.
- A idéia básica fundamental da observação participante: considerar (vivenciar) o estranho como familiar. Trata-se de um estudo “por dentro” de uma cultura distinta, um estudo intensivo feito por um “mergulho profundo na diversidade”. Nessa atividade você é um verdadeiro “detetive cultural”.
- Buscar sempre o “ponto de vista nativo”, isto é, você deve pensar como a pessoa do lugar pensa e tentar compreender as coisas do modo como ela compreende, a sua mentalidade. Nem sempre o que é bom para você é bom para o outro, então, deve-se tentar compreender o sentido para o outro do que ele vive e faz.
- A observação participante tem três momentos básicos: 1º momento: estranhamento da cultura local (isso permite “aguçar” nossa atenção para tornar um problema aquilo que parece natural); 2º momento: mergulho na vida local (o estranho se torna familiar se o experimentarmos, o que nos leva a sentir e ver como as pessoas sentem e vêem); 3º momento: viagem de volta ao seu meio para refletir sobre a cultura que conheceu e vivenciou (não basta, para compreender, ficar na pura descrição, porém criticar o que aprendeu).
- A expressão *observação participante* quer dizer exatamente o que as palavras significam: você deve observar tudo, com uma curiosidade imensa; observar tudo diretamente e não se contentar com o que lhe contam; e participante porque você deve “por a mão na massa” se for possível – fazer o que as pessoas fazem e experimentar seu modo de vida e suas atividades diárias.

- Três tipos de coisas devem ser observados: a) a estrutura ou *anatomia do lugar* (o que tem nele, como está organizado e como funciona?); b) os *comportamentos típicos das pessoas do lugar* (como elas fazem as coisas que fazem?); c) as *idéias importantes* (o que as pessoas pensam sobre o que fazem?) Mas também: histórias, contos, folclore, ditados populares, palavras ou frases típicas etc., ou seja, estudar a mentalidade ou a alma do lugar.
- A comparação é fundamental, não para julgar, mas para perceber as diferenças. Não se trata de uma comparação *moral*, ou seja, do ponto de vista dos valores. Mas uma comparação entre duas realidades distintas para que, a partir desse olhar comparativo, desvendar nuances antes não percebidas.
- O resultado da observação participante é um relato escrito sobre tudo o que você aprendeu, mas para se conseguir isso você deve anotar tudo: o que vê, o que lhe contam, suas conversas, suas descobertas, o que você sente a respeito do que vivencia; o diário deve ser preenchido todo dia antes de você ir dormir; cuidados com as anotações: o diário não deve ser mostrado às pessoas do lugar; cuidado para não ofender as pessoas.
- Na observação participante busca-se a valorização dos “fatos imponderáveis da vida social”: “pertencem a essa classe de fenômenos: a rotina do trabalho diário do nativo; os detalhes de seus cuidados corporais; o modo como prepara a comida e se alimenta; o tom das conversas e da vida social ao redor das fogueiras; a existência de hostilidade ou de fortes laços de amizade, as simpatias ou aversões momentâneas entre as pessoas; a maneira sutil, porém inconfundível, como a vaidade e a ambição pessoal se refletem no comportamento de um indivíduo e nas reações emocionais daqueles que o cercam.” (B. Malinowski, *Argonautas do Pacífico Ocidental*, p. 29).
- A relevância desse “método”: “Estudar as instituições, costumes e códigos, ou estudar o comportamento e mentalidade do homem, sem atingir os desejos e sentimentos subjetivos pelos quais ele vive, e sem o intuito de compreender o que é, para ele, a essência de sua felicidade, é, em minha opinião, perder a maior recompensa que se possa esperar do estudo do homem”. (Malinowski, p. 34).
- A finalidade da observação participante: “Nosso objetivo final ainda é enriquecer e aprofundar nossa própria visão do mundo, compreender nossa própria natureza e refiná-la, intelectual e artisticamente. Ao captar a visão essencial dos outros, com a reverência e verdadeira compreensão que se deve mesmo aos selvagens, estamos contribuindo para alargar a nossa própria visão. Não podemos chegar à sabedoria final socrática de conhecer-nos a nós mesmos se nunca deixarmos os estreitos limites dos costumes, crenças e preconceitos em que todo homem nasceu”. (Malinowski, p. 370).